

SERMÃO
DOS ANNOS
DO ILL.^{mo} E EX.^{mo} SENHOR DUQUE
DO
CADAVAL,
E MISSA NOVA DE SEU IRMAO^s
O REVERENDISSIMO P. RE
FR. JAIME D. NELLO,
FILHO DA ESCLARECIDA ORDEM
Militar de N. Senhor Jesus Christo.
O QUAL O DEDICA
A^c ILL.^{ma} E EX.^{ma} SENHORA
DUQUEZA
DO CADAVAL.

RECITOU-O O M. R. P. MESTRE
FR. MANOEL DA RIBEIRA DE NIZA,
QUALIFICADOR DO SANTO OFFICIO, EXAMINADOR DAS TRES
Ordens Militares Ex-Custodio, e Procurador geral da Provincia
da Piedade,

LISBOA :
Na Offic. de MANOEL ANTONIO MONTEIRO.

M.DCCLIX.
Com todas as Licenças necessarias.

ESTERNA
DOS ANOS
DO ILMO. SENHOR DOUTOR

CADAVAL
E MISSA NOVA DE S. INACIO
F. J. ALMEIDA
FILHO DA ESCOLA DA GRAZIA
Mestre de N. S. do Carmo

DUQUE
DO CADAVAL
F. J. ALMEIDA
FILHO DA ESCOLA DA GRAZIA
Mestre de N. S. do Carmo

LIBRO
DE OBRAS DE MANOEL ANTONIO MONTES
MDCCLX
Camacho de Lameira

Ex
not

ILLUSTRIS. E EXCEL. SENHORA.



*STE Sermaõ, que V. Excellencia
mandou prégar no dia dos annos do
Excellentissimo Duque, meu Irmaõ, e da minha Missa
nova pelo M. R. P. M. Fr. Manoel da Ribeira de Ni-
sa,*

sa, Lèytor Emerito, Qualificador do S. Officio, E
Custodio da muita Religiosa Provincia da Piedade,
seu Procurador Geral, foy tanto do seu agrado, co-
mo tinha sido do seu empenho; e notando eu a attenção
com que V. Excellencia o ouvio recitar, e julgando
que não ficava satisfeito o seu gosto, sem que o pudesse
repetidas vezes, me resolvi a pedilo ao seu Auto-
r para o mandar estampar, e pôr em fôrma de poder
apparecer na sua presença: e como o consegui, ainda
que não sem o dispendio de muitos rogos; porque o
difficultava a humildade do Orador, a quem se não a
V. Excellencia o ha de offerecer, e dedicar? Callo,
por serem evidente os motivos, que me
obrigaõ a este obsequio, e com a mesma sub-
missão, com que lho deo, lhe peço o acceite (se não
pelo respeito, que me diz) pelo que diz a meu Irmaõ,
o Excellentissimo Duque, e ainda á pessoa de V. Excel-
lencia; porque debaixo de tanta protecção, e asylo sai-
rá á luz seguro de emulação mais sevéra, e Critica
mais rigurosa, e eu com este limitado obsequio verey
se posso satisfazer (se não em tudo, e como devo, em
parte, e do modo que me he possivel) as muitas obri-
gaçoens, que sempre, e agora mais que nunca devi a
V. Excellencia, que Deos guarde.

De V. Excellencia

Filho muito obediente

Fr. Jaime de Mello.

Cum

IMPRINDO ANNOS NO DIA 17. DE NOVEMBRO O ILLUSTRISSI-
e Excellentissimo Senhor D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello ,
Duque do Cadavel, Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal &c. Celebrou
no mesmo dia na Hermida do seu Palacio de Pedrouffos a sua primeira
Missa o Reverendissimo Senhor Fr. Jaime de Mello, Religioso da Ordem de
S. Christão, e irmão de Sua Excellencia sendo o Orador da Festividade, que
ouve pellos mencionados motivos, o muito Reverendo Padre Mestre Fr.
Manoel da Ribeira de Nisa, Religioso da Provincia da Piedade, Qualifica-
do do Santo Officio, e assistente no Hospicio da mesma Excellentissima
Casa.

ROMANCE ENDECASYLLABO.

A Patria, ao nome, ulos futuros
Immortal fica o merito de Sabio
Com que igual sempre em Pulpito, e Cadeira
Dictaes o respeito, a gloria, e applauso.
Vê-se no Panegyrico eloquente
Observastes, Demosthenes preclaro,
Unir com a politica da Corte
Dictames sem lisonja, obsequios sacros.
Duas acçoens, e ambas gloriosas,
Vossa penna voar as fez taõ alto,
Que professando serdes muito humilde
Entre os grandes ficastes elevado.
No Coração de Christo recolherdes
Do Duque excelso a vida em holocausto,
Eternizalla foy no sacrificio
Feliz na duraçãõ: isenta no estrago.
Grande logo nasceo o eximio Duque,
Nunca menino o vi nos poucos annos,
Taõ pròvida o formou a natureza,
Que para ser Heróe nem teve ensayos.

Na flor da idade està, mas tão maduro,
Que em defenſa do Rey já forja rayos,
No peito illuſtre palpitando a honra
Deſafogo ainda a insultos caſtigados.
De Cadaval, Tentugal, e Ferreira
A Caſa regia, he fecundo erario
Do valor tão fiel ao Luſo Solio,
Que tem dous corações no peito, e braço.
Toda a minha lição no magiſterio
Se dedica a ſyſtema tão ſagrado;
Porém achei ao Heróe por prevenido,
Que não preciz do o brio innato.
Quem no indomito, a arte apura,
Na ave remonta erta o alvo,
Deſtes preludios mostra no exercicio
A vencer eſtar muito coſtumado.
O vir á luz no mez da eſtação frouxa,
Nas veyas nunca o ſangue lhe ha gellado;
Pois no horoſcopo deſte nascimento,
O Sol o influxo deo, Marte o preſagio.
O voſſo deſcobrio no egregio aſſumpto
Ao parabem o culto duplicado;
Pois ao Duque fazerdes Sacerdote
Foy na grandeza mais condecorallo.
O Dynaſta clauſtral, que felizmente
No proprio peito a Deos abriu ſacrario,
Purificar nas aras quiz os votos,
Para os cumprir não ſó, mas adorallos.
Já na Ordem de Chriſto era profeſſo,
E innova o privilegio accreſcentado;
porque Chriſto ſerá todas as vezes,
Que puro celebrar no Santuario.

O' ſu-

O' sublime brazaõ , ô Sacerdócio .
Só dos impios, talvez, defestimado ,
Se he possivel mais nobre te adiantes,
Caracter ficas de animo fidalgo.
Vozes sonoras , rutilantes luzes,
Cultos consagraõ , sacrificaçã astros,
Que se ao Duque, Orador, e Celebrante
Caussem vivas, succedaõ simulacros.

Braz Joze Revello, Leite,

LICENÇAS

DA ORDEM.

FR. Jozé de Portel Prégador Padre da Provincia de S. Antonio de Portugal, e Ministro Provincial da da Piedade, concedemos licença ao N. Charissimo Irmão Fr. Manoel da Ribeira de Niza, Ex-Leitor de Theologia, para que possa imprimir o Sermaõ dos Annos do Excellentissimo Duque do Cad. Missa nova de seu irmão o Reverendissimo Fr. Jaime de Mello, visto o ser aprovado pelos Theologos da Ordem, guardado em tudo o que manda o Sagrado Concilio Tridentino, e mais Constituições Appostolicas. Villa-Viçosa 10 de Setembro de 1758.

Fr. Jozé de Portel

Ministro Provincial.

DO

DO SANTO OFFICIO.

APPROVAC, AM DO MUITO R. P. M.

*Doutor Fr. Isidoro do Espirito Santo, Qua-
lificador do Santo Officio &c.*

SERENISSIMO SENHOR.

O Sermaõ, de que trata a presente petição, não tem cousa que se opponha aos dogmas de nossa Santa Fé, e os bons costumes, V. A. mandará o que for servido. Convento de N. Senhora de Jesus de Lisboa 31 de Janeiro de 1759.

Fr. Isidoro do Espirito Santo.

Vsta a informação, póde-se imprimir o Sermaõ, que se appresenta, e depois voltará conferido para se dar licença que corra, sem a qual não correrá. Lisboa no Paço de Palhaván 6 de Fevereiro de 1759.

Silva. Trigofo. Silveiro Lobo.

B

DO

DO ORDINARIO.

*APPROVACAM DO DESEMBARGA-
dor Francisco Xavier dos Santos da Fonse-
ca &c.*

EXCEL. E REVER. SENHOR.

COnro o Padre Mestre Fr. Manoel da Ri-
beira de Niza da Santa Provincia da Pie-
dade a Primogem das Reformas da Ordem Se-
raphica, he conhecido, não só entre os seus,
mas entre os estúdios, por Philosopho exacto,
Theologo solido, e Orador pathetico, não pó-
de este Sermaõ conter cousa alguma; porque
deixe de ser credor a se fazer publico, não só
para se justificar o justo conceito do seu Author;
mas para nelle se perpetuar huma acção, em
que se deo a conhecer a devoção, a piedade,
e a grandeza da Casa do Cadaval. V. Excellen-
cia porém mandara o que for servido. Lisboa 3
de Abril de 1759.

Francisco Xavier dos Santos da Fonseca.

Vista a informação, pode-se imprimir o pa-
pel, de que trata a petição, e depois de
impresso voltará conferido para se lhe dar li-
cença para correr. Lisboa 26 de Abril de 1759.

D. J. A. de Lacedemon.

DO

D O P A C, O.

4-
APPROVAC, AM DO DESEMBARGADOR
Ignacio Barbosa Machado Academico da Real
Academia &c.

i-
e-
e-
2
3-
e
ó
n;
n
3
3
p
v
l-
e
i-
1
6
H13

N Aõ contém o Sermão incluso cousa alguma contra as leys de V. Magestade, e muito mais sendo prégado por taõ benemerito Orador, e tendo similhante assumpto, que serve á gloria de hum filho daquelle grande parente de V. Magestade que sempre durará a saudade dos amantes da Patria. Assim me parece se deve imprimir. V. Magestade manda o mais justo. Lisboa 28 de Abril de 1759.

Ignacio Barbosa Machado.

Q Ue se possa imprimir, vistas as licenças do Santo Officio, e Ordinario, e depois de impresso tornará á Mesa para se conferir, taxar, e dar licença para que corra, e sem isso não correrá. Lisboa, 30 de Abril de 1759.

Carvalho. Emaus. Siqueira. Fonseca.

REPUBLICA DE PORTUGAL
Município de Lisboa
Alcaldia da Cidade

Eu, o Sr. D. João de Deus, Alcalde da Cidade de Lisboa, por este meu presente mandado, ordeno e mando que o Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, seja obrigado a cumprir e fazer cumprir o que for mandado e ordenado pelo Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, em tudo e por todo o presente mandado e ordenado.

Eu, o Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, por este meu presente mandado, ordeno e mando que o Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, seja obrigado a cumprir e fazer cumprir o que for mandado e ordenado pelo Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, em tudo e por todo o presente mandado e ordenado.

Eu, o Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, por este meu presente mandado, ordeno e mando que o Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, seja obrigado a cumprir e fazer cumprir o que for mandado e ordenado pelo Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, em tudo e por todo o presente mandado e ordenado.

Eu, o Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, por este meu presente mandado, ordeno e mando que o Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, seja obrigado a cumprir e fazer cumprir o que for mandado e ordenado pelo Sr. D. João de Deus, Alcaide da Cidade de Lisboa, em tudo e por todo o presente mandado e ordenado.

ap
ce
a
re
st
hu
bo
cr
hu
co
po
m
C
gr
B
c



*Simile erit Regnum Caelorum decem Virginibus
vigilate itaque, quia nescitis diem, neque
horam. Matth. 25.*



DOUS Sacerdotes, se bem que
differentes no ministerio, e pro-
fissão, semelhantes, e quasi iden-
ticos na estirpe, e geração, são
hoje os que nos dão materia pa-
ra o discurso, e motivo para o
applauso (Excellentissimos Senhores) dous Sa-
cerdotes &c. hum sacrificando a Deos no Altar
a victima de seu Unigenito Filho, e outro offe-
recendo-lhe junto ao mesmo Altar o holocau-
sto dos annos da sua vida. O dia caindo a
hum por sorte, e a outro por eleição, a am-
bos ha de ensinar a pureza, com que devem sa-
crificar, e o Evangelho as cautellas, que cada
hum ha de ter; ha de ensinar o dia a pureza,
com que o primeiro Sacerdote ha de sacrificar;
porque sendo este o que a Igreja consagra a hu-
ma das mais amadas, e queridas esposas de
Christo, honra da Virgindade, e gloria da Sa-
grada Religião do Principe dos Patriarchas S.
Bento, Santa Getrudes; purificando esta o seu
coração desorte que o Divino Esposo se di-
gnou

Eccl. lect. 4.

gnou de entrar nelle, affirmando que em nenhum outro lugar estava mais gostoso que nelle fóra do Sacramento do Altar: *Nusquam se convenientius, quam in Sacramento Altaris, & deinde in hujus suæ dilectæ corde inveniendum promittavit*; e havendo o mesmo Christo de entrar hoje também no peito do Sacerdote, que celebra a sua primeira Missa, e he filho do mesmo Pay no Sagrado instituto da Milicia do mesmo Christo, ensina-lhe que para celebrar licitamente, ha deter huma tal pureza, como a sua, para que o mesmo Christo, que logo ha de entrar no seu coração, esteja nelle tão gostoso, como no Sacramento, que logo hade fazer.

Leit. 7.

2 E como a mesma Getrudes purificou juntamente as acçoens da sua vida de sorte, que o mesmo Esposo Divino a recolheo dentro do seu coração, para dahi a transferir ao thalamo das celestiaes delicias: *Apparuit ei sponsus, quem diligebat, qui eam in cordis Sacrarium admittens, ad cœlestem thalamum traduxit*; para que o mesmo Esposo introduza também hoje no seu coração o segundo Sacerdote, e elle lhe offereça ahi o holocausto dos seus annos, ensina-lhe que toda a sua vida ha de ser ajustada, e santa. O Evangelho ensina a hum, e outro as cautellas, que haõ de ter, porque sendo este o da parabula das Virgens, a que se assimelha o Reino do Ceo, e entendendo-se por ellas todo o genero humano, como diz o Doutor Maximo: *Ad omne genus humanum hæc parabula pertinet*; compondo-se este de Ecclesiasticos, e Seculares, para que todos elles possaõ competir com o Ceo na pureza

S. Hyer,
hic.

pur
de t
a to
por
elle
stão
ver
a r
aqu
pri
na u
Sac
ven
Par
a L
Jesu
gar
ma
dad
Get
lado
3
pri
dot
cur
esto
de f
fer
Deu
(e
cret
jun
An

Pureza, conforme o sentir da parabula, e sirvaõ de throno; e de gostosa morada ao mesmo Christo, a todos elles persuade que vivaõ acautelados; porque não sabem o dia, nem a hora, em que elle ha de vir: *Vigilate &c.* A todos os Christãos faz Christo no presente Evangelho esta advertencia, pervenindo-os para o juizo final, que a mesma parabula inculca, persuadindo-lhes aquella pureza, e esta cautella: a pureza na sua primeira clausula: *Simile erit &c.*, e a cautella na ultima: *Vigilate itaque &c.*, e a os nossos dous Sacerdotes faz hoje Santa Getrudes a mesma pervenção com muita especialidade; e para que? Para que sendo os seus sacrificios bem acceitos a Deos, se digne seu Santissimo Filho Christo Jesus de entrar no coração de hum, e de dar lugar no seu coração ao outro. Ex-aqui o systema, e assumpto do Sermaõ; porque esta felicidade concedeo o mesmo Christo a sua esposa Getrudes. Principiemos, e procedamos acautelados: *Vigilate itaque quia &c.*

3 Não sey se notaria alguém, o dizer eu no principio do exordio que eraõ dous os Sacerdotes, que hoje nos davaõ materia para o discurso, e motivo para o applauso, mas tambem estou certo que não ha de ser o discreto o author de semelhantes Crises; porque confessando todos ser Sacerdote o que vem no Altar offerecendo a Deos a victima do seu Unigenito Filho, eu digo (e o mesmo ha de dizer o Escripturario, e discreto) que tambem he Sacerdote, o que vemos junto ao Altar sacrificando-lhe o holocausto dos Annos da sua vida. Eu me explico: Este nome

Sa-

Disp. 5.
Art. 9.
n. 145.

Sacerdos, que significa o Sacerdote, além da significação commua, que lhe dá a Igreja, significa também o Principe, o privado, e o amigo do Rey, como diz o meu sempre douto Arbiol nas suas disputas Selectas, Scolasticas, e Dogmaticas: *Sacerdos aliquando significat Principem, sive privatum Principis, vel amicum*, e sendo o Excellentissimo Duque Principe tão soberano, como o indicão as luzes do seu oriente, a Fidalguia do seu sangue, e a illustre prosapia da sua real ascendencia, quem pôde negarlhe o titulo de Sacerdote? Ainda não disse tudo, verey se posso dizer o mais: o nome *Sacerdos* na frase Hebreia valle o mesmo que *Coen*, que significa honra, e dignidade, e que mayor honra, e dignidade podia ter o nosso Principe em Portugal abaixo do seu Fidelissimo Monarcha, e da sua Casa, que ser Duque do Cadaval? Diga-o o Estadista, que eu confesso que a não alcanço: logo com muita razão se deve chamar Sacerdote, como o Illustrissimo, e M. R. Irmaõ, que hoje vê no Altar.

Malv. in
Gen. 1,

• 4 Confirma esta consequencia, e dá razão de todo este discurso Malvenda, quando affirma que assim como os Sacerdotes são aquelles, que estão muito proximos, e chegados a Deos, assim também como quer que os Principes, e Reys da terra se chamem Deoses, como se diz no Psalmo, similhantemente se haõ de chamar Sacerdotes os seus validos, e os muito proximos, e chegados a elles: *Sicut Sacerdotes dicuntur qui maximè opropinquant Deo, ita similiter cum Principes terræ dicantur Dii, ut in Psalmo: Dii*

dos Annos.

5

Dii fortes terræ vehementer elevati sunt, sic qui apud Reges plurimum valent, Sacerdotes dicuntur. Quereis ver a pratica desta, que parece especulação sómente? Consultay o segundo livro dos Reys, e ahi achareis com o titulo de Sacerdotes os Principes filhos de David: *Fi-* 2. Reg. 8.
lii autem David Sacerdotes erant; ide mais abaixo ao capitulo vigessimo do mesmo livro, e achareis a Ira Jairita com o mesmo titulo: *Ira autem Jairites erat Sacerdos David;* o mesmo se lê no terceiro livro dos mesmos Reys de Zabuc filho de Natham, e finalmente o mesmo se achará em outros muitos lugares da Escritura sagrada, que não repito, por não tirar o tempo ao principal do assumpto.

5 Vamos agora aos sacrificios de hum, e outro Sacerdote, o do primeiro ninguem duvida ser verdadeiro sacrificio sobpena de encorrer na notta, e excommunhaõ, que lhe impoem o Sagrado Concilio Tridentino na Sessão vinte, e duas Canone primeiro: *Siquis dixerit in Missa* Sess. 22.
non offerri Deo verum sacrificium... anathema Can. 1.
sit. Agora que o do segundo seja tambem verdadeiro sacrificio, poderá haver alguma duvida, eu a proponho, para ver se a desfaço logo. Não he outra cousa o sacrificio mais que huma acção exterior, e sensivel, pela qual confessamos a Deos por author da nossa vida, e morte com mutação, destruição, ou anihilação da coula, que se offerece de sorte que o sacrificio não só se distingue da oblação, e offerta, porque esta reconhece a Deos por Senhor absoluto de todas as cousas, e o sacrificio por author da nossa
C vida,

vida, e morte, como disse; mas porque a oblação, e offerta não emporta destruição, morte, ou anihilação da cousa offerecida, como succede nos sacrificios. Agora a duvida: o que o nosso Duque, o nosso Principe, e Sacerdote offerece hoje a Deos são os annos da sua vida; logo ou nós não havemos de querer que estes se destruaão, acabem, ou anihilem, ou não havemos de dizer que a oblação, que delles faz hoje a Deos, he verdadeiro sacrificio.

6 Respondo que sim he verdadeiro sacrificio, e como não ha sacrificio verdadeiro sem morte, destruição, e anihilação da cousa, que se offerece, todos queremos, e devemos querer que os annos, que o nosso Duque, e o nosso Principe offerece hoje a Deos, acabem, se destruaão, e anihilem. Eu tiro a muitos da confusão, em que os considero: os annos, que o nosso Duque offerece hoje a Deos no sacrificio, que lhe faz, não são os poucos, que conta de vida, que não passaão de dezesette, nem os muitos, que todos lhe dezejamos para gloria de Deos, honra de Portugal, augmento dos seus Estados, e consolação de todos, os que temos a dita de lhe assistirmos, e de o servirmos, em quanto á sua duração intrinseca, porque estes não estão na sua mão, huns porque ja passarão, e os outros, porque ainda não vierão, e do tempo não tem elle, nem nós todos mais que o instante presente, como diz Santo Agostinho; o que sacrifica a Deos, são as acçoens da sua vida, e os seus costumes, que o mesmo tempo, e os mesmos annos, mensurão; e como estes, e
aque-

aquellas até agora forão costumes, e acçoens de menino, de Infante, e de innocente, vem hoje offerecer a Deos estas acçoens, e fazerlhe sacrificio daquelles costumes, para que acabando-se nelle, e consumindo-se na sua vida tudo, o que era de menino, e pedião os annos passados, rel-
lanceça, o que deve ter hum varão perfeito, e digno da sua honra, e dignidade.

7 Com os olhos neste sacrificio parece que estava S. Paulo, quando escrevendo aos de Corinto, e fallando de si mesmo, lhe disse estas palavras: *Cum essem parvulus, loquebar, ut parvulus, sapiebam, ut parvulus, cogitabam ut parvulus; cum autem factus sum vir, evacua-
vi, quae erant parvuli*; quando eu era menino, diz o Sagrado Apostolo, fallava como menino, sabia como menino, julgava como menino, mas tanto que cheguey a ser homem, lancey de mim tudo o que era de menino, para ser varão perfeito. Não ha texto na escriptura mais proprio para o nosso intento, nem eu me detenho em ponderalo, para confirmação do que vou dizendo, porque a mesma letra o persuade, e principalmente se ouvermos de entender em confirmação desta verdade as palavras, que o mesmo Apostolo repete logo no seguinte verso: *Videmus nunc per speculum, & in aenigmate, tunc autem facie ad faciem*; porque ainda que estas palavras no sentido Anagogico se dirijão, e encaminhem a distinguir os viadores dos comprehensores, moralmente entendem-se, e podem-se entender muito ao nosso intento.

1. Cor. 13,

Ubi sup.

8 E neste sentido offerecendo hoje o nos-

fo Duque , o nosso Principe , e Sacerdote a Deos os annos da sua vida , o que intenta , e pertende , he se acabe , e confuma nelle tudo , o que pedia a idade preterita , e requeriaõ os annos passados , e naça , ou renasça o que pedem os futuros , de sorte que se até agora via os negocios da sua casa com candura , e fingilez de menino , e innocente , e as importancias dos seus Estados , e conveniencias de sua alma , e consciencia pelo espelho obscuro da infancia , de hoje em diante ha de velas pelo espelho claro do discurso de varão perfeito com perspicacias de Aguia , com subtilezas de Lince , e vigilancias de Argos , para ser gloriosissimo ramo daquellas celeberrimas , e felicissimas arvores , que para serem as da Sabedoria do Paraíso Lusitano , lhe deixarão os fructos de tantos , e tão admiraveis documentos , como ainda hoje admira a Politica mais discreta , e avisada. Se até agora fallava como innocente , sabia como infante , e julgava como menino , de hoje em diante ha de fallar como Principe , ha de saber como Oraculo , e ha de julgar como homem. Ha de despirse finalmente de todos os actos , e habitos , que erão proprios dos annos passados , e revestiirse dos que convem aos futuros. Sim Senhor : nisto ha de consistir o seu sacrificio , isto he o que Deos quer de V. Excellencia , e isto he o que me manda lhe diga hoje da sua parte.

9 Mas como a minha authoridade he pouca , e menos a minha sabedoria para tão alto , e tão Divino documento , repetirey o que S. Paulo dà aos Collocenses , e V. Excellencia o appli-

applicará a si ; *Expoliantes vos veterem hominem cum actibus suis , & induentes novum ;* ha de despirse do homem velho , ainda que o não seja nos annos , lhe diz o Sagrado Apostolo , isto he , do que até agora foy , e vestirse do que deve ser novamente , deixando o que era proprio dos poucos annos , que conta , e tomando o que convem aos muitos , que todos lhe deseamos. Deste modo fim , deste modo será o seu sacrificio aceito a Deos , e tão aceito , que seu Filho Christo Jesus o receberá dentro do seu coração , como o fez a sua amada , e querida esposa , em cujo dia V. Excellencia completa felizmente os seus annos. Não havemos de sair do mesmo lugar de S. Paulo para prova deste invento , em que consiste a primeira parte do nosso assumpto , e em que naturalmente viemos cahir.

Coll. 3.

10 Diz o Sagrado Apostolo que o homem , que se ha de innovar , ou renovar , ha de ser conforme á imagem daquelle , que o creou , ou de Deos , que he o Creador de tudo : *Secundum imaginem ejus , qui creavit illum ;* e em que ha de consistir esta similhança ? Como a imagem de Deos , e da sua bondade he seu Unigenito Filho : *Imago bonitatis illius ;* e este nos veyo ensinar , e dar exemplo em tudo , em tudo nos deviamos conformar com elle , e este póde ser o sentido do Apostolo nestas palavras , mas eu alcanço nellas outro mysterio mais alto , mais incomprehensivel , e Divino , e mais conforme ao nosso assumpto , e qual he ? He que sendo a imagem de Deos , que creou o homem , seu Unigenito Filho , como

Coll. 3.

Sap. 7.

mo

mo acabo de dizer, e estando este em seu peito, e coração: *Unigenitus, qui est in sinu Patris*; para Christo mostrar tambem que quer recolher dentro do seu as almas daquelles, que se haõ-de reformar, e innovar pela graça, que lhe mereceo, quer que sejam semelhantes a elle, ou conformes á imagem de Deos, que os creou, que he o mesmo: *Secundum imaginem ejus, qui creavit illum*; *Unigenitus, qui est in sinu Patris*; logo se V. Excellencia ha de ficar hoje renovado, e transformado em tudo no sacrificio, que faz a Deos dos seus annos, bem dizia eu, que sendo este sacrificio a Deos bem aceito, o mesmo Filho de Deos o ha de receber em seu peito, iutroduzindo-o dentro do seu coração, para ahi o guardar nesta vida, e delle o transferir á eterna.

II E não pareça novidade esta ventura, esta dita, e esta felicidade, que hoje annuncio a nosso Principe, porque o mesmo favor fez Christo em outra occasião a meu Sarafim Patriarcha, e prezado pay S. Francisco, vendo-o renovado, e transformado em si mesmo, recolheo dentro do seu coração pela ferida do lado, aonde seu Discipulo o B. Amadeu o vio, como depois o confessou: *Vidi in corde filii B. Franciscum*; e o mesmo concedeo a outro Principe, como o nosso o Conde de Ario, Santo Elzeario, o qual estando em certa occasião absente de sua esposa Delfina, lhe escreveo esta Carta: *Sanus corpore sum, & sospes, quod si videre me cupis, quaere in vulnere lateris Christi, ibi habito*; eu estou são, e de faude, e se me desejas ver busca-me

me no lado de Christo, porque ahi he a minha habitação. Finalmente o mesmo concedeo a sua querida, e amada esposa Getrudes, como ja disse, em confirmação da promessa, que lá lhe fez na figura da Esposa dos Cantares, quando as introduzio na rotura daquella pedra, que era figura do seu coração Divino: *Columba mea in foraminibus Petre, in caverna Macerie; per cavernam Macerie vulnus lateris*; comenta S. Gregorio com muitos Padres, e interpetres, logo o mesmo concederá hoje tambem ao nosso Duque, e Principe, vendo-o renovado em tudo, e transformado em si.

Cant. 2.

12 Já he tempo de passarmos de hum Sacerdote, e Sacrificante para o outro, do que deixamos recolhido dentro do coração de Christo, offerecendo ahi a Deos o holocausto dos seus annos, para o que logo ha de receber ao mesmo Christo dentro do seu coração, para dahi o offerecer por victima a seu Eterno Padre. Muita pureza, e graça he necessaria áquelle, que ha de entrar no coração de Jesus, e tanta, que não entrando no Ceo, nem na Bemaventurança a menor notta, como se lê no Apocalypse: *Non intrabit in eam aliquod coinquinatum*; entrando muitos no Ceo, que não entrarão, nem haõ-de entrar no Santissimo Coração de Jesus, muita Mayor pureza, e graça he necessaria nestes, que naquelles; mas sendo tanta a graça, e a pureza, que he necessaria áquelles, que haõ-de entrar no Coração de Jesus Christo, ainda deve ser mayor a daquelles, em cujo Coração o mesmo Christo ha de entrar. Fundo

Apoc. 21

do este conceito naquella maxima commua dos Filósofos, que diz: *Sicut schabet simpliciter ad simpliciter, ita magis ad magis, & maximum ad maximum*; e em outro argumento similhante ao que acabo de propor: porque se de serem menos, os que entraõ no coração de Jesus, do que os que entrão no Ceo, he necessario mayor graça, e mayor pureza naquelles, que nestes, sendo ainda menos, os que recebem ao mesmo Christo Jesus dentro do seu Coração, do que aquelles, que entrão no seu, como se póde ver nas Historias mysticas, segue-se que mayor graça, e mayor pureza he necessaria naquellas, que nestes.

13 E como o Sacerdote, que celebra Missa, e offerece a Deos o sacrificio, e victima de seu Unigenito Filho, o recebe todos os dias dentro do seu coração, veja cada hum de nós a pureza, que lhe he necessaria. Nem me diga o discreto que a mesma he necessaria a qualquer fiel, quando chega áquella Divina Mesa, porque ainda que a este seja necessaria muita graça, e muita pureza; e tanta, como lhe aconselha o Sagrado Concilio Tridentino com S. Paulo, que he a graça santificante, que o approva, e faz digno de chegar áquella Mesa a comer daquelle Paõ, e beber daquelle Calix: *Probet autem se ipsum homo, & sic de pane illo edat, & de Calice bibat*; ainda ha de ser mayor a graça, a pureza, e disposição do Sacerdote, pelo differente modo, com que o recebe, e trata; e esta deve de ser a razão, porque a Igreja nos encarrega aos Sacerdotes não só a pureza da alma, mas tam-
bem

1. Cor. 11.

bem a do corpo, persuadindo aos mais fieis só a da alma, como he notorio. Agora pergunto: e pois quanta, e qual ha de ser esta graça, e esta pureza dos Sacerdotes? Ha de ser tanta, e tal como a dos Anjos? Ainda me parece pouca, não só porque sendo aquelle Pão Divino, Pão de Anjos, os homens são os que o comem: *Panem Angelorum manducavit homo*; mas tambem, e he o mais, porque negando-se aos Anjos a dignidade Sacerdotal, concedeo-se aos homens: *O ter felices Sacerdotes, quibus concessa facultas Angelis negata*; exclama Justiniano, e os Anjos por boca do mesmo Padre, fallando com cada hum de nós, os Sacerdotes, dizem assim: *O benedicte, maiorem gratiam habes, quam nós*. Oh bemaventurado Sacerdote, mayor he a tua graça, que a nossa.

Ecclesia.

Just. Ser.
de Euch.

Ibidem.

14 Não ha mayor encarecimento! E pois quanta, e qual ha de ser esta graça? Eu confesso que lhe não acho similhança, se não na de Maria Santissima, não só por serem identicas as dignidades, como diz hum douto: *Mira dignitas Maternitatis Mariae cum dignitate Sacerdotali copulatur*; não só pelo tratarem com as proprias mãos, como ella o tratava, mas tambem, e he o mais, porque assim como o ventre Purissimo da Senhora foy o primeiro Altar, em que Christo se offereceo em sacrificio a seu Eterno Padre, sendo ahi Crucificado, a penas foy concebido, pelos peccados do mundo, como depois o foy na Cruz, como diz o referido Justiniano: *Mira res, totus Christus Crucifixus est in intimis visceribus cordis tui*; e isto para

Apud Apis
Lib. pro
celeb. Miss.

Ubi sup.

D

que

De Incen-
dio Divin.
amoris.

que ahi nos remisse logo no affecto, como depois nos havia de remir no effeito, como diz Ussuna: *In Cruce redemit nos in effectu, sed in utero Virginis in affectu*; assim foy tambem, e he Altar cotidiano o coração do Sacerdote, em que todos os dias se repete muitas vezes o sacrificio da Cruz.

15 Para prova desta verdade havemos de perguntar aos Theologos, em que consiste essencialmente o Sacrificio da Missa: huns dizem que consiste na oblação, que precede á consagração, e alguns com bem pouco fundamento quizerão attribuir esta opiniaõ ao meu Doutor subtil Scotto; porque na verdade a sua sentença he, a que diz que consiste só, e precisamente na consagração; não repito as suas razoens, por serem mais proprias da Cadeira, do que do Pulpito; outros dizem que consiste na oblação, que succede á consagração; outros na fração das especies Sacramentaes; outros em só a sumpção, e communhão; e outros finalmente com Henrique, e Lugo dizem que consiste na consagração, e communhão. Na Cadeira, como Scotista, sigo a segunda sentença, aqui no Pulpito, como Prêgador, basta que siga a ultima; e porque? He porque como da razão do sacrificio he que se matte a Hostia, que morra a victima, e se consuma o holocausto, dizendo esta sentença que o sacrificio da Missa consiste na consagração, não me opponho á Eschola nesta parte, e dizendo que consiste na communhão juntamente, segue-se que no peito, e coração do Sacerdote he que Christo se offerece ao Eterno Padre pelos peccados

dos do mundo ; porque ahi morre como victima, e se confome como holocausto.

16 E se por Christo morrer primeiro no ventre da Senhora, como depois morreo na Cruz, compara S. Bernardo a Cruz com o ventre da mesma Senhora : *Ob ventrem ! Ob Crucem !* Comparemos nós tambem o coração do Sacerdote com o mesmo ventre purissimo, em que morreo primeiro, e com a Cruz, em que acabou depois. E se finalmente o mesmo Christo compára a gloria com a Cruz na frase de Isaias : *Gloriam meam alteri non dabo ; Cru-* Isai, 43.
cem meam ; lê outra letra, comparemos nós tambem com a mesma gloria o peito do Sacerdote, para que assim possa competir com o Ceo na pureza, e este se assimelhe a elle, assim como se assimelha ás Virgens da parabolá Evangelica : *Simile erit Regnum Cælorum &c.* E como esta finalmente divaga por todo o genero humano, como já disse com S. Jeronymo, compondo-se este de Ecclesiasticos, e Seculares, e tendo nós de cada hum destes hum Sacerdote, e Sacrificante, ambos devem vigiar sobre si, e estarem aparelhados ou já para receberem ao Divino Esposo dentro dos seus corações, ou para que este lhes faça lugar no seu, como succedeo a Getrudes ; porque em fim não sabem o dia, nem a hora, em que elle ha de vir a tomarlhes conta dos seus ministerios, e obrigações : *Vigilate itaque &c.*

17 Está concluido o discurso, e só nos falta ponderar a genorofidade do animo, e a grandeza do affecto, com que a Illustrissima, e Excellen-

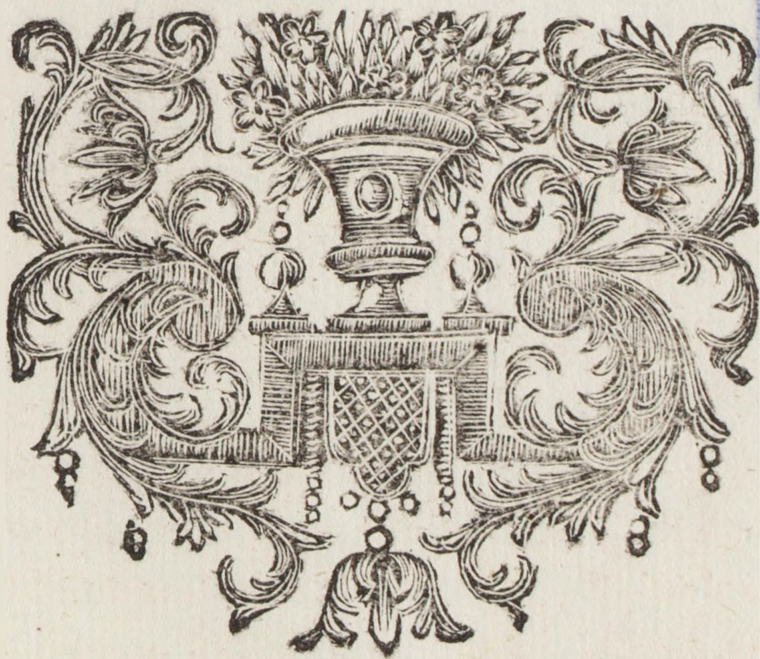
Gen, 21.

tíssima Duqueza assiste a estes sacrificios , e faz. dedicar estes cultos. Queria compará-la com aquella famosa heroína, que as Historias humanas, e Divinas tanto encarecem, Sára, esposa do grande Patriarcha Abraão , mas notta que não he adequada á similhança, não só porque não assistindo Sára ao sacrificio de seu filho Izaac , a nossa Princeza assiste ao do seu , mas tambem, e he o mais, porque não tendo Sára mais que hum filho de seu esposo Abraão , e este outro de Agar, não só não quiz que este tratasse com aquelle, mas não socegou o seu animo , em quanto não vio máy, e filho fóra de casa : *Ejice ancillam hanc cum filio ejus* ; e a nossa famosa heroína, tendo não só hum filho , que he o Excellentissimo Duque , mas duas filhas, que são as Excellentissimas Senhoras Dona Margarida Caetana de Lorena, e Dona Luiza de Lorena , não só não quer ver fóra de casa os filhos do Duque seu esposo defunto , como Sára queria ver o de Abraão vivo , mas admitindo-os a todos em casa , e introduzindo-os dentro do seu coração com indizivel affecto , e amor de verdadeira Máy, quer que todos se tratem com familiaridade de Irmãos, e por isso havendo hoje de sacrificar o proprio, e o improprio, dispoz que sacrificassem juntos.

18 Oh sempre felices filhos, que merecerão o amor de tal Máy ! Mas oh sempre ditosa Máy, que assim soube, e sabe amar a taes filhos ! A razão , porque Sára não quiz consentir a Ismael em sua casa , foy porque se inttrometia a sacrificar com Izaac, que isso significavaõ no sentir de

de alguns Interpetres os jogos , ou brincos , que ella lhe vio fazer em certa occasião ; e dispondo a nossa Princeza , que seu filho sacrifique hoje com seu Irmaõ , e chamando o para esse effeito a sua casa , callem as Historias o amor de Sára , e publiquem o de Henriqueta. E V. Excellencia , e Senhoria não deixem de corresponder ao amor desta Mãe , e entãõ o executaraõ com mayor efficacia , quando copiarem em si as virtudes , a sabedoria , a prudencia , a erudição , a politica , e estimação , que seus gloriosissimos Pay , e Avô conservaraõ sempre neste Reyno , porque se hum se adorna com o nome de hum , e outro com o do outro , razaõ he que ambos imitem os seus costume para honra do seu sangue , augmento desta Excellentissima Casa , credito de Portugal , e gloria de Deos. Amen.

F I M.



BIBLIOTECA
13
MAY 19
1913

H13

EH
31